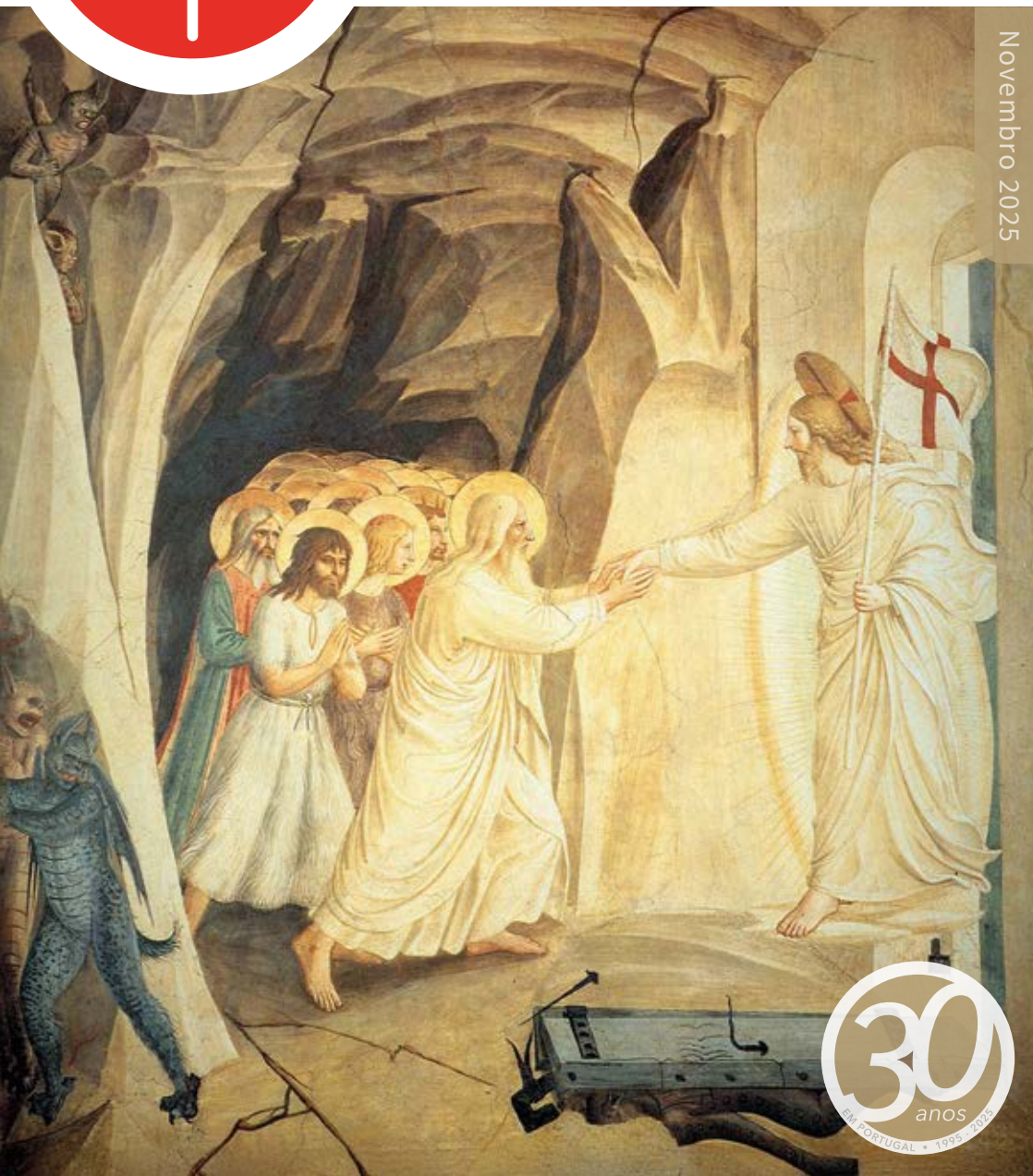




Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Novembro 2025



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

NOVEMBRO: Pela prevenção do suicídio.

Rezemos para que as pessoas que se debatem com pensamentos suicidas encontrem na sua comunidade o apoio, o cuidado e o amor de que necessitam e se abram à beleza da vida.

#REDWEEK2025

15 a 23 de Novembro 2025

Todos os anos, os vários secretariados internacionais da **Fundação AIS** pretendem chamar a atenção da opinião pública para o **drama da perseguição aos Cristãos e a necessidade de garantir a liberdade religiosa**. Não podemos continuar a ignorar os sucessivos ataques, a violência e discriminação a que estão sujeitos milhões de cristãos, que são a comunidade religiosa mais perseguida em todo o mundo.

Ao fim de mais de uma década de guerra civil, a **SÍRIA** vive tempos dramáticos e de enorme incerteza. Praticamente um ano após a queda do regime de Bashar al-Assad, os Cristãos continuam receosos do que poderá ser o futuro do país. O Padre Hugo Alaniz, um sacerdote argentino em missão há vários anos em Aleppo, vai estar em Portugal, a convite da **Fundação AIS**, para testemunhar o que significa viver a fé num cenário de violência e de enorme pobreza.

De **15 a 23 de Novembro**, durante a **REDWEEK**, o Padre Alaniz vai acompanhar a equipa da **Fundação AIS** nos momentos de oração nas Dioceses de Leiria-Fátima, Viana do Castelo, Braga, Porto, Aveiro e Lisboa.

AJUDE A COMBATER A INDIFERENÇA

SEMENTES DE ESPERANÇA - *Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre*

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
EDIÇÃO Alexandra Ferreira
FOTOS © AIS; © IsmaelMartinezSanchez/AED

CAPA *A descida ao limbo, Fra Angelico*
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

Todos os fiéis defuntos: o fim da espera

Dois de Novembro. Flores às portas dos cemitérios, memórias que reemergem, rostos que voltam a tomar forma e vida, revivências de uma oração nunca esquecida, nem sequer por aqueles que há anos deixaram de frequentar igrejas, mas não faltam à visita a estes lugares, pelos cristãos chamados de cemitérios, dormitórios, os “koimetérion”, em evidente desacordo teológico com a palavra pagã “nekrópolis”, cidade dos mortos.

Essa oração, que todos repetimos, «o eterno repouso», talvez merecesse ser reescrita, porque não exprime da melhor forma não só a teologia da “cidade do Céu”, nem a do “repouso” do dia de festa, que não é inatividade e silêncio, mas participação na obra de Deus e no seu comprazimento ao sétimo dia.

Todavia, ainda que não ousando retocar algo que mergulha as suas

raízes numa tradição que, em latim, atravessa o milénio e deriva do IV Livro de Esdras, apócrifo, limitamo-nos ao menos a esclarecer a sua mensagem, para que a luz resplandeça não só para os “cidadãos do Céu” que efectivamente lá chegaram, mas também a nós, que para ela nos encaminhamos («não temos aqui cidade permanente, mas procuramos a futura», Hebreus 13, 14).

Atendamos à tradução do original latino do texto atribuído a Esdras: «Por esta razão vos digo, gente que escutais e compreendeis: esperai o vosso pastor, ele vos dará o eterno repouso, porque está próximo aquele que chega ao fim dos séculos. Mantei-vos prontos para os prémios do Reino, porque a luz perpétua resplandecerá para vós pela eternidade do tempo. Fugi da sombra deste século, recebei a alegria da vossa glória. Eu dou público testemunho do meu salvador. Recebei o mandamento do

Senhor e alegrai-vos, dando graças àquele que vos chamou para os reinos celestes» (2, 34-35).

É a confirmação de um repouso que não é ócio prolongadamente indefinido ao mesmo tempo que fastidioso. É, ao contrário, o fim da espera, a chegada do pastor que nos insere no Reino, conferindo alegria e glória (também esta biblicamente entendida como manifestação da beleza divina).

Só com estas premissas o texto pode iluminar-se com aquela luz que remete para o que Jesus dizia de Si e de quantos os seguem: «Eu sou a luz do mundo; quem me segue, não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida» (João 8, 12). E ainda: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (João 10, 10).

A abundância, expressa com o termo grego “perissòn”, indica aquilo que excede a medida. Mas que medida? Decerto também a da imaginação humana. Remete para a “charitas sine modo” de que falava o P. Tonino Bello, o amor de Deus que não só nunca cessa, mas que nunca nos deixa de surpreender.

A abundância é não apenas plenitude, mas reunificação à nossa origem de quem provimos e que por toda a vida seguimos. É felicidade plena porque é colaborar com Deus em prosseguir a instauração completa do Seu Reino. É, por isso, um “repouso” daquilo que era esforço na Terra e agora é participação na obra criadora de Deus, e por isso comprazimento em que a Sua vontade se vai cumprindo e a Sua realeza se vai instaurando. Em todo o lado?

Em todo o lado, ainda que se tenha de reerguer de quedas contínuas, voltar a pôr em marcha quem parou e se resignou, voltar a dar alegria a quem foi esmagado pela tristeza. Todo o discurso até agora autoriza a entender a tradicional oração pelos defuntos desta maneira: «Dá-lhes, Senhor, a alegria de terem chegado até Ti / e resplandeça aos nossos queridos a luz do Céu / admite-os a partilhar para sempre, colaborando contigo, / a beleza infinita do Reino de Deus. Ámen!».

In https://snpcultura.org/todos_os_fieis_defuntos_o_fim_da_espera.html

Superfície:330.323 km²**População:**

32,8 milhões

Religiões:

Muçulmanos: 56,5%

Cristãos: 9,2%

Hindus: 6,2%

Budistas: 5,3%

Adeptos de religiões
tradicionais: 3,25%

Outros: 19,55%

Línguas:Malaio, inglês,
dialectos**MALÁSIA**

CRISTÃOS E INDIANOS, DUPLAMENTE DISCRIMINADOS

Num país onde o Islão é a religião do Estado e as diferenças étnicas cristalizam as tensões, os Indianos de confissão cristã carregam um fardo duplo.

Sob um calor tropical, nas largas ruas de Kuala Lumpur, aos pés dos arranha-céus ultra-modernos,

misturam-se as ruínas das casas coloniais e de casas modestas nos arredores, cheias de palmeiras e de



Na Malásia, as igrejas e as
ONG cristãs são controladas.

roupa estendida. Enrolados neste labirinto de selva e pedras, os templos hindus de mil cores convivem com as igrejas, mesquitas e templos budistas numa fachada harmoniosa. “Somos todos iguais, mas alguns são mais iguais que outros”, lança Tabitha. A jovem é cristã, malaia de origem indígena, uma das minorias étnicas mais marginalizadas da península. Na Malásia, etnias e religiões são praticamente indissociáveis. A etnia está especificada no estado civil e um malaio é obrigatoriamente muçulmano, aos olhos da sociedade. Os Malaiois - da etnia

maioritariamente malaia - pertencem ao Islão, a religião do Estado. Os não-malaios são os “malaios” - cidadãos da Malásia - de confissões diferentes: os Chineses, os Indianos ou ainda os povos autóctones. São hindus, cristãos, budistas... As discriminações em relação aos não-malaios são imensas: quotas étnicas desfavoráveis para aceder aos cursos superiores, dificuldade em conseguir arrendamento de imóveis e, na função pública por exemplo, por cada quatro malaios recrutados é escolhido apenas um não-malaio.



Estátua vandalizada na Igreja de São Paulo, em Malaca.

“O maior problema da Malásia é a sua obsessão pela raça. Não é uma questão individual, mas nacional”, afirma Nandini Balakrishnan, uma jornalista e influenciadora malaia de origem indiana. Com os cabelos rosa, batom violeta, a pele coberta de tatuagens, Nandini sai do quadro conservador pelo seu estilo e tom. Denuncia com coragem, nas redes sociais, o racismo de que são vítimas os Indianos da Malásia: “Sabiam que os meus colegas de classe limpavam os objectos depois de eu lhes ter tocado?”, lança a jovem num vídeo colocado no Instagram. Acrescenta: “Estes

insultos públicos lembram-nos o quanto somos vulneráveis.” Marginalizados, os Indianos sofrem também as consequências da islamização progressiva, que afecta todas as minorias religiosas.

O Islão extremista infiltra-se nas altas esferas políticas e administrativas. Interfere, desde os anos 80, no espaço público e na vida privada dos Malaio. As eleições legislativas, de Novembro de 2022, levaram ao poder um partido inspirado na ideologia da Irmandade Muçulmana: o partido islâmico Pan-Malaio, muito popular junto



dos jovens de etnia malaia. Esta islamização por via democrática escava o fosso das discriminações entre etnias e grupos religiosos, sobretudo em relação aos Cristãos. A Constituição da Malásia estipula que “o Islão é a religião da Federação”. Na prática, os Cristãos sofrem pressões e estão sujeitos a fortes restrições por parte dos islamistas. É-lhes, por exemplo, proibido fazer proselitismo ou partilhar o Evangelho com um muçulmano; as igrejas são controladas, tal como as ONG cristãs; os fundos públicos podem ser utilizados para o Islão mas não para o Cristianismo.

“Dois homens derrubaram a cruz que estava sobre a minha igreja”, relata Tabitha. Nesse dia, 24 de Abril de 2015, um grupo de muçulmanos incitou o pastor da igreja protestante de Taman Medan, uma cidade próxima de Kuala Lumpur, a retirar a cruz que estava fixada na fachada. Aos seus olhos, a presença da cruz era uma provocação.

A Igreja da Malásia procura, através do diálogo, apaziguar as relações entre religiões e, consequentemente, entre as etnias. Mas o futuro dos Cristãos continua suspenso. Um estudo do Centro Merdeka, datado



Os Malaio de origem indiana, que são cristãos, são duplamente discriminados.

de 2022, revela que “a consciência política é maior nos jovens muçulmanos, os mais ligados ao Islão. O que significa que terão mais possibilidades para influenciar, futuramente, a dinâmica política do país”. Um fenómeno que poderia afectar, ainda mais, as relações entre Cristãos e Muçulmanos, com impacto na população duplamente discriminada: os malaio cristãos de origem indiana.

Oração

*Para que os Cristãos e a prática da sua fé sejam respeitados,
nós Te pedimos Senhor.*

UM PASTOR ACUSADO DE PROSELITISMO

A 13 de Fevereiro de 2017, o Pastor Raymond Koh foi raptado por um comando, em Petaling Jaya. Desde então, a sua família está sem notícias. Sob a suspeita de fazer proselitismo – uma actividade proibida aos Cristãos – era vigiado pelas autoridades islâmicas locais. Em Abril de 2019, a Comissão Nacional dos Direitos Humanos da Malásia revelou que Koh tinha sido visado pela polícia, devido às suas actividades religiosas. Desde 2023, a sua mulher, Susanna Liew tem um processo judicial contra o anterior Governo, para obrigar a polícia a revelar o local onde está detido.



CARIDADE

A caridade constitui uma característica principal da vida cristã. Não se pode pensar que a peregrinação e a celebração da indulgência jubilar possam ser relegadas para uma forma de rito mágico, pois é a vida de caridade que lhes dá o seu sentido último e a eficácia real. Por outro lado, a caridade é o sinal proeminente da fé cristã e a sua forma específica de credibilidade. No contexto do Jubileu não se poderá esquecer o convite do apóstolo Pedro: *“Acima de tudo, mantende entre vós uma intensa caridade, porque o amor cobre a multidão dos pecados”* (1 Pe 4,8).

Segundo o evangelista João, o amor para com o próximo, que não vem do homem, mas de Deus, permitirá reconhecer no futuro os verdadeiros discípulos de Cristo. Torna-se, portanto, evidente que nenhum crente pode afirmar que crê se depois não ama e, vice-versa, não pode dizer que ama se não crê. Também o apóstolo Paulo afirma que a fé e o amor constituem a identidade do cristão; o amor é aquilo que gera perfeição (cf. Col 3,14), a fé aquilo que permite que o amor seja amor.

A caridade, portanto, tem o seu espaço particular na vida de fé; para além disso, à luz do Ano Santo o testemunho cristão deve ser salientado como a forma mais expressiva de conversão.

In <https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/segni-del-giubileo/carita.html>



COMEMORAÇÃO DOS MÁRTIRES E DAS TESTEMUNHAS DA FÉ DO SÉCULO XXI

Irmãos e irmãs,

«Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Gal 6, 14). As palavras do apóstolo Paulo, estando reunidos em torno ao seu túmulo, introduzem-nos à comemoração dos mártires e testemunhas da fé do séc. XXI, na festa da Exaltação da Santa Cruz.

Aos pés da cruz de Cristo, nossa salvação, descrita como a “esperança dos cristãos” e a “glória dos mártires” (cf. *Vésperas da Liturgia bizantina para a Festa da Exaltação da Cruz*), saúdo os Representantes das Igrejas Ortodoxas, das Antigas Igrejas Orientais, das Comunhões cristãs e das Organizações ecuménicas, a quem agradeço por terem aceitado o meu convite para esta celebração. A vós todos aqui presentes, dirijo o meu abraço de paz!

Estamos convencidos de que o *martyria* (testemunho) até à morte é “a comunhão mais verdadeira que possa existir com Cristo que derrama o seu Sangue e, neste sacrifício, aproxima aqueles que outrora estavam longe (cf. Ef 2, 13)” (Carta enc. *Ut unum sint*, 84). Também hoje podemos afirmar com João Paulo II que, onde o ódio parecia permear todos os aspectos da vida, estes audaciosos servos do Evangelho e mártires da fé demonstraram de forma evidente que «o amor é mais forte que a morte» (*Comemoração dos Testemunhos da fé no século XX*, 7 de maio de 2000).

Recordemos estes nossos irmãos e irmãs com o olhar voltado para o Crucificado. Com a sua cruz, Jesus revelou-nos o verdadeiro rosto de Deus, a sua infinita compaixão pela humanidade; tomou sobre si o ódio e a violência do mundo, para compartilhar o destino de todos aqueles que são humilhados e oprimidos: “Ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores” (Is 53, 4).

Muitos irmãos e irmãs, ainda hoje, por causa do seu testemunho de fé em situações difíceis e contextos hostis, carregam a mesma cruz do Senhor: como Ele, são perseguidos, condenados, mortos. Sobre eles, Jesus diz: “Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa” (Mt 5, 10-11). São mulheres e homens, religiosos e religiosas, leigos e sacerdotes, que pagam com a vida a fidelidade ao Evangelho, o compromisso com a justiça, a luta pela liberdade religiosa onde ela ainda é violada, a solidariedade com os mais pobres. Segundo os critérios do mundo, eles foram “derrotados”. Na realidade, como nos diz o Livro da Sabedoria: “Se aos olhos dos homens foram castigados, a sua esperança estava cheia de imortalidade” (Sab 3, 4).

Irmãos e irmãs, durante o Ano Jubilar, celebramos a esperança destes corajosos testemunhos de fé. É uma esperança cheia de imortalidade, porque o seu martírio continua a difundir o Evangelho num mundo marcado pelo ódio, pela violência e pela guerra; é uma esperança cheia de imortalidade, porque, apesar de terem sido mortos no corpo, ninguém poderá silenciar a sua voz ou apagar o amor que deram; é uma esperança cheia de imortalidade, porque o seu testemunho permanece como profecia da vitória do bem sobre o mal.

Sim, a deles é uma “esperança desarmada”. Eles testemunharam a fé sem nunca usar as armas da força e da violência, mas abraçando a força frágil e mansa do Evangelho, segundo as palavras do apóstolo Paulo: “De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. [...] Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12, 9-10).

Penso na força evangélica da Irmã Dorothy Stang, empenhada na causa dos sem-terra na Amazônia: quando aqueles que se preparavam para matá-la lhe perguntaram se estava armada, ela mostrou-lhes a Bíblia, respondendo: “Esta é a minha única arma». Penso no Padre Ragheed Ganni, sacerdote caldeu de Mossul, no Iraque, que renunciou à luta para testemunhar como se comporta um verdadeiro cristão. Penso

no Irmão Francis Tofi, anglicano e membro da *Melanesian Brotherhood*, que deu a vida pela paz nas Ilhas Salomão. Os exemplos seriam muitos, porque, infelizmente, apesar do fim das grandes ditaduras do séc. XX, ainda hoje não acabou a perseguição aos Cristãos; pelo contrário, em algumas partes do mundo, aumentou.

Estes audaciosos servos do Evangelho e mártires da fé «constituem como que um grande afresco da humanidade cristã [...]. Um afresco do Evangelho das Bem-Aventuranças, vivido até ao derramamento do sangue” (S. João Paulo II, *Comemoração dos Testemunhos da fé no século XX*, 7 de Maio de 2000).

Queridos irmãos e irmãs, não podemos, não queremos esquecer. Queremos recordar. Fazemo-lo, certos de que, tal como nos primeiros séculos, também no terceiro milénio o sangue dos mártires é semente de novos cristãos (cf. Tertuliano, *Apologeticum* 50, 13). Queremos preservar a memória juntamente com os nossos irmãos e irmãs das outras Igrejas e Comunidades cristãs. Desejo, portanto, reiterar o compromisso da Igreja Católica em guardar a memória dos testemunhos da fé de todas as tradições cristãs. A Comissão para os Novos Mártires, junto ao Dicastério para as Causas dos Santos, cumpre essa tarefa, colaborando com o Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos.

Como reconhecemos durante o recente Sínodo, o ecumenismo do sangue une os “cristãos de diferentes filiações que, juntos, dão a vida pela fé em Jesus Cristo. O testemunho do seu martírio é mais eloquente do que quaisquer palavras: a unidade vem da Cruz do Senhor” (XVI Assembleia Sinodal, *Documento final*, n. 23). Que o sangue de tantos testemunhos aproxime o dia abençoado em que beberemos do mesmo cálice da salvação!

Queridos irmãos, uma criança paquistanesa, Abish Masih, morta num atentado contra a Igreja Católica, tinha escrito no seu caderno: “*Making the world a better place*”, “tornar o mundo um lugar melhor”. Que o sonho desta criança nos incentive a testemunhar com coragem a nossa fé, para sermos juntos fermento de uma humanidade pacífica e fraterna.

Papa Leão XIV, Homília, Basílica de São Paulo Extramuros, 14 de Setembro de 2025



SÃO MARTINHO DE PORRES

3 DE NOVEMBRO

São Martinho de Porres nasceu em Lima, no Peru, a 9 de Dezembro de 1579. Era filho ilegítimo de um fidalgo espanhol e de uma ex-escrava negra nascida no Panamá. Criado na pobreza, foi entregue a um cirurgião-barbeiro para aprender a arte da medicina, depois de frequentar a escola primária durante dois anos. Desde muito jovem, demonstrava uma profunda devoção, passando longas horas em oração.

Aos 15 anos, pediu para ingressar no Convento dominicano do Rosário, em Lima, tendo sido inicialmente aceite como criado. O seu comportamento exemplar e dedicação às tarefas levaram-no a ser promovido a esmoler. Mais tarde, foi admitido como terciário da Ordem Dominicana. A sua santidade e os dons de cura milagrosa impressionaram tanto que os superiores abriram uma excepção às normas raciais então vigentes e admitiram-no como irmão coadjutor.

Responsável pela enfermaria do convento, Martinho cuidou dos doentes com notável paciência e compaixão, tanto dentro como fora da clausura. Realizava curas com simples gestos - como oferecer um copo de água - e chegou a acolher mendigos e doentes no seu próprio leito. Quando repreendido por tal acto, respondeu: “A compaixão, meu irmão, é preferível à limpeza.”

Durante uma epidemia que assolou Lima, Martinho cuidou dos frades doentes, tendo aparecido misteriosamente em áreas trancadas do convento - facto testemunhado por diversos confrades. Também fundou um lar para órfãos e crianças abandonadas. Embora nunca tenha saído de Lima, há relatos de aparições suas em locais tão distantes como África, Japão e México, onde prestava auxílio espiritual e físico.

Vegetariano, vivia de esmolas e conseguia alimentar até 160 pessoas pobres por dia, além de distribuir semanalmente recursos aos necessitados. Certa vez, ao ser repreendido por ter acolhido um moribundo sem autorização, respondeu com humildade: “Perdoai o meu erro e ensinaí-me, pois não sabia que a obediência era mais importante do que a caridade.” A partir de então, recebeu liberdade para seguir a sua consciência na prática da misericórdia.

São Martinho de Porres faleceu aos 59 anos, profundamente amado e venerado pela sua humildade, serviço e santidade. Foi canonizado em 1962 por São João XXIII, tornando-se o primeiro santo mulato das Américas. É hoje padroeiro da justiça social, dos pobres e da harmonia racial.

Adaptado de <https://connection.newmanministry.com/saint/saint-martin-de-porres/>

ORAÇÃO A SÃO MARTINHO DE PORRES

*Nesta necessidade e tristeza que me oprimem,
recurso a ti, meu protector São Martinho de Lima.*

Quero sentir a tua poderosa intercessão.

*Tu, que viveste apenas para Deus e para os teus irmãos,
que foste tão solícito em socorrer os necessitados,
ouve aqueles que admiramos as tuas virtudes.*

*Confio no teu poderoso apoio para que,
intercedendo junto ao Deus da bondade,
os meus pecados sejam perdoados e eu me veja livre dos males e desgraças.*

*Alcança-me o teu espírito de caridade e serviço
para que eu te sirva amorosamente,
entregue aos meus irmãos e a fazer o bem.*

*Pai celestial, pelos méritos do teu fiel servo São Martinho,
ajuda-me nos meus problemas e não permitas que
a minha esperança seja confundida,
por Jesus Cristo, nosso Senhor.*

Ámen.

PORTUGAL

A Fundação AIS lançou em Lisboa e nas principais capitais europeias, no passado dia 21 de Outubro, mais um Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo. Este Relatório aborda o período entre Janeiro de 2023 e Dezembro do ano passado e permite concluir que o continente africano é uma das regiões do globo onde é mais acentuado o extremismo religioso. No conjunto, em todo o Planeta, foram identificados 62 países com perseguição ou discriminação por motivos religiosos. Nesses países vivem aproximadamente 5,4 mil milhões de pessoas, ou seja, cerca de 64,7% da população mundial.

UCRÂNIA

Bispo de Donetsk alerta o mundo para a violência na sua região. D. Maksym Ryabukha, que está à frente de um vasto território que abrange as regiões de Donetsk, Luhansk, Danipr e Zaporizhzhia, conhece bem o impacto da guerra. Metade da sua diocese está ocupada por forças russas e por isso inacessível para ele. Até a catedral está fechada. Em entrevista à Fundação AIS, o prelado denuncia o terror dos bombardeamentos, dos ataques com os drones, e apela à solidariedade de todos.

CUBA

As Irmãs Missionárias de Jesus, Verbo e Vítima assumiram a responsabilidade da Paróquia de Guasimal, na Diocese de Santa Clara, no centro de Cuba. Elas oferecem catequese, orientação espiritual e procuram ajudar as pessoas que vivem em áreas mais abandonadas. Estas religiosas estão a desempenhar um papel importante na vida da Igreja em Cuba, em especial em zonas mais remotas que os padres só podem visitar uma vez por mês. No entanto, ultimamente, na referida Paróquia de Guasimal, tem-se registado o comportamento antissocial de jovens. O secretariado britânico da Fundação AIS foi informado de que alguns desses jovens são rudes com os paroquianos e procuram impedi-los de entrar na igreja.

MAURITÂNIA

Num país onde, na prática, o Evangelho só pode ser anunciado por meio de atitudes, a Igreja, com o apoio da Fundação AIS, reacende a esperança de pessoas que se sentiam esquecidas. É o que tem acontecido na Igreja em Nouakchott, onde passou a funcionar o centro Accueil-Écoute, vinculado à Paróquia de São José, e que é, a partir de agora, um ponto de apoio essencial para pessoas em situações vulneráveis. Com o suporte da AIS, o centro oferece auxílio a migrantes, especialmente mulheres sozinhas, famílias em dificuldade e crianças doentes.

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

VATICANO

Santo Padre recebeu em audiência, na manhã de 10 de Outubro, uma delegação internacional da Fundação AIS, que incluiu a directora do secretariado português da instituição pontifícia. O encontro serviu para assinalar os 25 anos da contínua missão em defesa do direito à liberdade religiosa no mundo, tendo Leão XIV recebido o primeiro exemplar do Relatório que foi lançado a nível internacional no dia 21 desse mês.

TERRA SANTA

No seguimento do cessar-fogo em Gaza, na segunda semana de Outubro, o Padre Gabriel Romanelli exortou os seus fiéis – que continuam a viver na Paróquia da Sagrada Família – a “perdoarem todos aqueles que falharam e a pedirem perdão” pelas suas próprias falhas, como preparação para o que ele espera que seja efectivamente o fim da guerra. Em declarações à Fundação AIS, o missionário argentino destacou a libertação dos 20 reféns israelitas e o regresso dos corpos daqueles que, infelizmente, morreram em cativeiro.

SÍRIA

Uma noite e madrugada de tiros na cidade de Aleppo deixou a comunidade cristã local muito assustada. O Padre argentino Hugo Alaniz descreveu à Fundação AIS as horas de angústia vividas entre os dias 6 e 7 de Outubro, com as ruas tomadas por homens aos tiros e fortes explosões. Por causa disso, a sua paróquia tornou-se uma vez mais refúgio para dezenas de famílias. Todos temem que a eclosão destes incidentes sejam o prenúncio do regresso da terrível guerra civil ao país.

MOÇAMBIQUE

Um professor primário relatou à Fundação AIS a incursão de terroristas na sua aldeia. Num testemunho enviado para Lisboa, o docente contou que os terroristas estão particularmente activos na região de Cabo Delgado e que “queimam tudo”, desde casas a igrejas, mas também matam e raptam pessoas. Seis raparigas, suas alunas, foram levadas pelos insurgentes e o professor apelou à sua libertação: “Queremos as crianças de volta...”



ADVENTO

A TUA PEDRA SERÁ A TUA ESTRELA

Todos os dias abrimos os olhos, mas não o suficiente
Vemos descontentes a imperfeição e a pedra
Olhamos com desgosto – em nós e nos outros –
o avesso e a costura
e não nos damos conta
que poder observar com amor o avesso
se torna preciosa aprendizagem de caminho
(e que esse caminho nos leva até ao presépio)
Pois aquilo, precisamente aquilo
que hoje identificares como pedra
Deus vem ensinar-te
a transformar em estrela

Cardeal José Tolentino Mendonça



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt